O PAPEL DESMPENHADO PELA IGREJA DO RITO UCRANIANO EM PROL DA UNIÃO DAS IGREJAS

(Discurso proferido por S. Excia. D. José Martenetz, OSBM, Exarca dos Ucranianos Católicos no Brasil, na "Semana do Oriente Cristão", no dia 28.5.1963, em Curitiba).

Tendo a incumbência de proferir breve palestra sobre o papel desempenhado pela Igreja de rito ucraniano em prol da União das Igrejas, procurarei tão somente relatar fatos de maior relevância, os mais marcantes sem me envolver em pormenores. Certamente esta página da história eclesiástica não é muito conhecida, não só do público, mas dos estudiosos dos assuntos unionísticos. E não há motivo para admiração, pois o povo ucraniano, tendo vivido nos últimos tempos sob várias dominações estrangeiras, não teve a possibilidade de fazer-se conhecer.

Atualmente a Ucrânia é conhecida como uma das unidades federativas da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas, da assim chamada URSS. No papel ela deve ser república soberana, com seu próprio govêrno, constituição e leis, sendo até um dos membros fundadores da Organização das Nações Unidas, tomando parte nas Assembléias e nos vários organismos e comissões internacionais. Isto se lê no papel sobretudo ouve-se através a propaganda alardeante do Kremlin. Porém a realidade é muito diversa. A nação ucraniana não desfruta sequer aquelas mínimas liberdades, de que gozam, se isto se pode dizer gozar, os países chamados satélites. O regime e o govêrno atuais da Ucrânia foram simplesmente implantados pela força brutal de Moscou em 1921 e vêm sendo sustentados pelas mesmas fôrças. Portanto, a nação ucraniana não pode ser responsável pelos crimes perpetrados em seu território contra os mais elementares direitos e liberdades humanas sobretudo contra os da religião e da Igreja. Pelo contrário êste povo é a vítima da opressão estrangeira comunista, imolada desde há mais de quarenta anos na luta em defesa dos sagrados direitos da cristandade e da libertação do mundo da tirania comuno-moscovita. A Ucrânia desde os primórdios de sua aparição na história, isto é, desde os últimos anos do século décimo, pertence ao mundo cristão, ligada estreitamente à civilização do Ocidente.

Para compreender o espírito e os anseios da nação ucraniana teremos de remontar aos tempos, nos quais ela viveu períodos de independência, podendo livremente manifestar seu espírito e suas aspirações.

Parece que a Divina Providência traçou a êste povo uma missão quase histórica, de lançar a ponte, servir de traço de união entre o Ocidente e Oriente. O destino dêste povo está ligado ao desempenho fiel desta missão. Se êle não medir esforços e sacrifícios para realizar este honroso encargo da conciliação de duas mentalidades e culturas diversas, poderá sobreviver ao embate dos dois mundos que se degladeiam desde séculos em suas terras pela supremacia. Ao contrário, terá de sucumbir no caos das sangrentas lutas que nos estão ameaçando. Principalmente deverá encontrar a síntese dos valôres

espirituais, sobretudo no campo religioso, que cada uma das partes representa para a Igreja de Jesus Cristo.

Nesta breve exposição seria impossível explanar com pormenores tôdas as tentativas da Igreja ucraniana para induzir o Oriente a uma sincera reconciliação com Roma, garantindo-lhe integridade de seus costumes, rito e espiritualidade.

Geograficamente a Ucrânia pertence ao Oriente europeu, espiritualmente esteve por vários séculos ligada a Bizâncio, porém sem jamais romper laços com o Ocidente. É verdade que oficialmente o cristianismo nas terras ucranianas foi introduzido como religião do Estado, por intermédio de Constantinopla, a qual também forneceu primeiras obras do direito canônico. Foi imitando as obras da Bizâncio que se iniciou o movimento artístico literário, embora profundamente assimilado pelo elemento folclórico. Porém esta influência não foi exclusiva. O Ocidente teve também ponderável parte na formação da mentalidade, ou melhor como dizem os alemães: da "WELTANSCHAUUNG" concepção filosófica do Universo da Ucrânia. Nos inícios talvez menor, mas muito acentuada, mesmo sôbre os separados, principalmente depois do século dezesseis com a criação da Academia de KYiw, onde eram ensinadas as obras de S. Tomás e de outros escolásticos.

A história das regiões da Ucrânia, do Mar Negro por exemplo, estão vinculadas à veneração do Papa Clemente, Patriarca do Ocidente, segundo sucessor de São Pedro na cátedra Romana. A veneração de São Clemente foi o primeiro culto dos santos o qual lançou profundas raízes na terras ucranianas. Êle fôra deportado no tempo das perseguições a Tauria, hoje Khersoneso. Até os nossos dias a mais preciosa relíquia que possui Kyiw, capital da Ucrânia, é a sempre veneranda cabeça de S. Clemente Papa. Também em Khersoneso no exílio faleceu em 654 o Papa Martinho I.

Embora hoje em dia os ucranianos tanto católicos como ortodoxos pertençam quase exclusivamente ao Rito Oriental, no entanto, o primeiro bispo de Kyiw, consagrado a pedido da princesa Olga em Moguncia no ano 960 foi Libúcio e o segundo Adalberto, ambos provenientes da Alemanha, portanto do rito latino. Mesmo depois de ser consumado o cisma pelo patriarca Cerulário em 1054, os príncipes de Kyiw e a jerarquia ucraniana continuaram a entreter por muito tempo estreitas relações com Roma. Os legados pontifícios expulsos por Cerulário, chegando a Kyiw, em seu retôrno a Roma, foram recebidos pelo príncipe Yaroslau com todo o respeito e devidas honras. Que Ucrânia não seguiu o passo do patriarca em sua ruptura com o Papado demonstra-o o fato da introdução da festa de transladação das venerandas relíquias de São Nicolau a Bari. Esta festividade não existe no calendário eclesiástico dos gregos ou russos, pois consideram a transladação como se fôsse um furto. No entanto naquela época o Primaz da Ucrânia era ucraniano, metropolita Efrem, e não relutou em introduzir na sua Igreja a festa que se celebra no Ocidente, a revelía dos bizantinos. Enfim em 1075, vinte anos após o cisma, o príncipe de Kyiw, Yaropolk e sua espôsa foram coroados em Roma pelo Papa Gregório VII, o qual em nome de S. Pedro lhes transmitiu a posse dos territórios ucranianos.

A Igreja da Ucrânia cem anos após o cisma desconhecia o ódio à Igreja Romana, "caput et mater" de tôdas as igrejas, como aliás a denominavam os Padres Orientais, até que subiu à Sé Metropolitana de Kyiw, como relata a "Crônica Inicial"

“POTCHATKOVA KHRONICA” (Litopys), a arcebispo Nicéforo, grego de origem, que juntamente com os seus sucessores começou a fomentar o ódio à Roma. Aliás, para os ucranianos as discussões religiosas entre o Oriente e o Ocidente pareciam mais desentendimentos de caráter doméstico, que com o tempo deveriam acabar com a mútua reconciliação, como já por várias vezes acontecera. A Ucrânia desde os inícios do cristianismo tem demonstrado profundo respeito tanto pela Roma cristã, como pela Jerusalém ou Constantinopla. Se houve alguma resistência ou ataques, foram êles dirigidos contra fôrças externas que muitas vezes sob o pretexto de levar a cultura oriental ou ocidental, prosseguiam fins políticos. Em geral pode-se dizer, que inicialmente a Ucrânia fôra alheia às rivalidades entre o Ocidente e o Oriente. Mantendo intactas relações com o Ocidente não as rompia com a Constantinopla, tanto mais que o escoamento de seus produtos, o comércio do Mar Negro se processavam através do Bósforo e Dardanelos. Ademais a Ucrânia tendo recebido o cristianismo da Bizâncio ia lá buscar o clero, pois o número e a qualidade do clero nacional depois de duas a três décadas da conversão, não era ainda suficiente para cobrir as necessidades de uma população densa, que de um dia para outro se havia convertido. O afluxo do clero bizantino hostil a Roma ocasionou paulatinamente o afrouxamento das relações com o Papado e sem se aperceber, a Ucrânia, de fato viu-se um dia separada de Roma. Êste Afrouxamento foi ainda favorecido e até impôsto pela invasão dos Tártaros e pela sua dominação os quais por razões políticas impediam qualquer comércio com as potências ocidentais, principalmente com Roma. Na realidade, porém, não existe qualquer ato oficial que viesse declarar o rompimento de unidade entre a Igreja Ucraniana e a Romana. Contudo desde a invasão dos Tártaros, a exceção feita de alguns intervalos, nos séculos catorze e quinze, a Igreja da Ucrânia de fato vivera separada de Roma.

Sem dúvida não foram abandonadas tentativas de aproximação. Nos três Concílios Ecumênicos, no de Lião, de Constança e no de Florença, que trataram de questões unionísticas a jerarquia ucraniana tomou parte ativa, sempre colocando-se ao lado dos unionistas. Logo que o príncipe Danilo conseguiu sacudir um pouco o jugo dos Tártaros, tratou de estreitar as relações com os Pontífices Romanos, enviando ao Concílio Ecumênico de Lião no ano de 1245 o representante do Episcopado, na pessoa de Pedro Akerovetch, o qual apresentou um quadro exato do perigo iminente, que pairava sôbre a Europa inteira, subscrevendo as atas relativas a União das Igrejas. No ano 1253 de Roma partia uma delegação Pontifícia levando de parte do Papa Inocêncio IV coroa rreal ao valoroso príncipe Danilo, que no ano seguinte foi coroado em Dobrotchén pelo Legado Pontifício. Hoje, felizmente, possuímos valiosa coleção das cartas de Sumos Pontífices dirigidas aos reinantes ucranianos daqueles tempos. Os sucessores de Danilo fizeram também o possível para manter vivas as relações com o Ocidente, o que se tornava cada vez mais difícil por causa da “Cortina de ferro” levantada como foi dito, pela política antieuropéia dos mongóis, imposta aos povos por êles subjugados, satélites escravizados do poderoso e cruel Grão Khan Mongol. As incursões e a dominação mongólicas acarretaram para a Ucrânia consequências dolorosas e desastrosas em todos os campos da vida nacional e religiosa. Inteiramente debilitada, não foi capaz de recobrar fôrças necessárias para a restauração da independência, e por conseguinte, os dirigentes ucranianos procuraram aliança da Lituânia a fim de resistir aos assaltos das hordas tartáricas e mongólicas. Os lituanos se apossaram do território da Ucrânia Ocidental e intensamente foram influenciados pela cultura de Kyiw, de modo que a língua oficial era

a ucraniana. Ao mesmo tempo Casemiro, rei da Polônia aliou-se à Hungria e aproveitando-se da debilitação das fôrças ucranianas conquistou a Galícia em 1344.

O contacto com a Polônia trouxe consigo maior contacto com o Ocidente. Porém a Polônia, como poder dominante, não desejava que os cristãos ucranianos de rito oriental se integrassem dentro da estrutura do mundo católico europeu conservando no entanto seu próprio rito, seguindo-se daí maior estreitamento de laços com o Oriente separado.

Com a queda de Constantinopla em 1453, Moscou começou a desempenhar no Oriente um papel preponderante, pouco a pouco sobrepondo-se mesmo ao Patriarcado de Constantinopla, arvorando-se em defensora das verdades ortodoxas, arrogando-se prerrogativas de uma terceira Roma.

Não faltaram porém nestes tempos representantes da jerarquia ucraniana que envidaram esforços para acabar com o cisma que dilacerava a cristandade. Resultaram êstes, sem efeito duradouro, tão somente pela aversão, às vezes não de todo injustificada, dos gregos para com o Ocidente. Nos primeiros anos do século quinze reuniu-se em conferência o Episcopado ucraniano, sob a presidência do Primaz Gregório, resolvendo enviar uma delegação ao Concílio Ecumênico de Constança (1415 a 1416) para efetivar a União das Igrejas. Não se conseguiu quase nada. Mais uma vez a Ucrânia se empenhou pela reconciliação no Concílio de Florença em 1439. Depois dêste Concílio, o Metropolita e Primaz Isidoro, voltou à sua pátria, sendo em todos os lugares festivamente recebido ao anunciar que finalmente a união fôra restabelecida. Sendo extremado promotor e zeloso defensor da Santa União, quis levar a boa nova ao reduto do cisma, a Moscou. Como resultado de suas atividades e pregações foi aí encarcerado, mas conseguiu evadir-se alcançando a Roma. Ali investido da dignidade cardinalícia dirigiu a luta pela União. Sem embargo as imposições de ordem política das fôrças de ocupação tanto da Ucrânia como as de Bizâncio sentenciaram o fracasso da grande vitória alcançada em Florença. Com a tomada de Constantinopla pelos turcos esta deixou de desempenhar o papel de avanguarda nos destinos do Oriente cristão.

Depois de um período de quase um século de decadência, o Episcopado ucraniano vendo a inutilidade ou melhor a impossibilidade de induzir o Oriente inteiro à União com a Igreja Católica, resolveu ao menos salvar a própria. Foi então decretada a União da Igreja Ucraniana com Roma no Sínodo celebrado em Brest no ano de 1595 e dois prelados foram encarregados ir a Roma para ultimar todos os pormenores da União e obter a sanção do Sumo Pontífice. No mesmo ano o Papa Clemente VIII recebeu os dois emissários do Episcopado, a Potiy e Terletskei, em audiência especial e pela Constituição Apostólica "Magnus Dominus" de 23 de dezembro de 1595 foi sancionada a Santa União. Contra êste ato do Episcopado ucraniano foi desencadeada violenta contra-propaganda e grande oposição insuflada pelos emissários de Moscou e Constantinopla, oposição que em poucos anos sensivelmente se acalmou, assim que já em 1645, cincoenta anos depois, o Metropolita Ortodoxo de Kyiw, Pedro Mohyla, um dos maiores baluartes da Ortodoxia, propunha em resposta à carta do Papa Urbano VIII, condições para a adesão dos restantes ucranianos ortodoxos, afirmando que para a Igreja da Ucrânia restava um único caminho, isto é, o reconhecimento da supremacia dos Sumos Pontífices, pois assim professava tôda a antiguidade cristã, assim estava no CREDO e assim rezava-se na Santa Liturgia. Quanto à adesão dos gregos à União, escrevia êle, não se podia exigir dêles êste passo, pois

estavam sob a dominação dos turcos. Por isto mesmo convinha que os ucranianos se antecipassem no reconhecimento do Primado dos Papas sem levar em consideração a atitude dos gregos.

Não obstante os ataques desferidos conta a União de Brest, foi ela quase a única que alcançou resultados duradouros e belíssimos. Não viesse logo a dominação russa, êles seriam ainda mais brilhantes. Durante os séculos que se seguiram, dezessete e dezoito, graças aos esforços heróicos e a constante articulação com a Santa Sé, mercê as frequentes visitas dos metropolitas, dos bispos, religiosos e procuradores da Igreja Ucraniana em Roma e também dos estudantes ucranianos dos Colégios romanos, Igreja da Ucrânia foi por fim restabelecida e por mais uma vez viveu seu período de ouro. Os três séculos que se seguiram depois do ano 1595 constituem um hino ininterrupto à Unidade da Igreja e ao apêgo ao Vigário de Cristo. Esta história memorável de fidelidade à Cátedra de S. Pedro foi marcada e escrita com o sangue dos fiéis, sacerdotes e hierarcas.

Durante êste glorioso período houve mártires que ofereceram suas vidas em defesa da União e do Primado dos Sumos Pontífices. Entre êstes mártires o mais conhecido é S. Josafat. Mártires, porém, contam-se a centenas. O mais ferrenho ataque, a União teve que sustentar contra a Rússia tzarista e, atualmente, contra a comunista. Foi ela e ainda é hoje o mais implacável inimigo da União. Os imperadores moscovitas perseguiram os católicos ucranianos e derramaram seu sangue com as próprias mãos até dentro dos sagrados recintos dos templos. Por exemplo tzar Pedro primeiro no interior da Igreja de Polotsk com sua própria mão assassinou três sacerdotes basilianos. Ainda pior sorte coube aos católicos do rito oriental nos reinados de Catarina II, dos tzares Nicolau I e Alexandre II, quando sacerdotes em massa eram deportados para o interior da Sibéria encarcerados, e os fiéis, que defendiam suas igrejas, fuzilados pelos pelotões do exército às portas dos templos.

Com o desmembramento da Polônia a maior parte da Ucrânia passou sob o regime de Moscou. No transcurso de um século de 1772 a 1875 o catolicismo ucraniano foi quase totalmente exterminado por meio de métodos drásticos e perseguições por parte da polícia e da burocracia tzaristas. Muitos dos fiéis para ao menos preservar a fé passaram-se ao rito latino, que era ainda tolerado pelo regime.

Somente a parte da Ucrânia que coube em partilha à Austria gozou de relativa liberdade religiosa e os ucranianos católicos puderam recuperar-se formando uma província Eclesiástica, a qual perseverou e prosperou até o advento das tropas comunistas de Moscou em 1945.

Naquele ano e nos subsequentes foram encarcerados e deportados todos os bispos. Os sacerdotes em número de 3.500 na maioria também foram lançados em campos de concentração, aos restantes foi vedado exercer qualquer atividade religiosa. Os Seminários maiores com 540 seminaristas, 195 casas religiosas foram fechados e suprimidos. 3.900 escolas primárias, 380 secundárias, 56 Institutos Superiores foram convertidos em centros de doutrinação marxista. A imprensa católica com 38 periódicos, 35 casas editôras suprimidas. Mais de um milhão de ucranianos abandonou lares pátrios para poder salvar a fé e a dos seus filhos. Êles estabeleceram-se nos países do mundo Ocidental graças à intervenção da Santa Sé e a benevolência dêstes países. Os Sumos Pontífices cuidaram de garantir aos emigrantes ucranianos a assistência espiritual de

conformidade com o rito, erigindo duas províncias eclesiásticas, uma no Canadá outra nos Estados Unidos, com sete dioceses. Além disto foram criados Exarcados Apostólicos na Alemanha, França, Inglaterra, Austrália e no Brasil e duas Visitaturas Apostólicas: uma para os países de Benelux e outra para a Argentina.

Não obstante as perseguições, a Igreja na Ucrânia ainda vive nas catacumbas e ela sobreviverá, pois a despeito das perseguições e da trágica história da União de Brest os ucranianos confiam que virá o momento quando se realizará o ardente desejo do Divino Salvador "*Ut omnes unum sint*". Para realização desta tarefa hoje vem se incumbindo "O Movimento Cristão Ucraniano" no exílio com sede em Sarcelles, França, congregando dentro de suas fileiras e em tôrno do seu Ideal os mais representativos expoentes intelectuais, tanto católicos como ortodoxos ucranianos. Os resultados são promissores, pois muitos de seus adeptos ortodoxos hoje militam no campo católico, sem romper com as tradições dos antepassados. Se a hodierna jerarquia ortodoxa ucraniana não está animada do mesmo espírito, o fato se deve à educação recebida nas escolas da Rússia tzarista. Pois durante êste período aos ucranianos não somente era proibido de manter escolas próprias, mas até publicar livros e periódicos na língua pátria.

Hoje esta igreja tem que travar uma luta ainda mais encarniçada contra o comunismo, que se apoderou das terras, onde ela ainda vicejava. Para sobreviver ao impacto do comunismo, necessita também de apôio moral do mundo cristão, que por vezes se tem mostrado quase indiferente aos sofrimentos que devem suportar os que são seus irmãos em Jesus Cristo. A solidariedade com os que padecem pela mesma causa Sagrada, fidelidade a Deus, a sua Igreja e à Cátedra de S. Pedro deve ser a mais profunda e a mais viva, porque somos membros do Corpo Místico de Cristo.

Certamente, como cristãos, temos o dever, e um dever honroso, de rezar pelos que nos perseguem, até pelos nossos algozes. Nós lhes perdoamos seus erros e até seus crimes. Ardentemente desejamos que, graças às nossas orações e aos sofrimentos dos nossos confessores se opere o milagre da conversão do povo russo. Mas ao mesmo tempo nosso primeiro dever será o de vir em auxílio dos irmãos, que desde séculos lutam pela causa do Senhor e sacrificando vidas e sangue pela realização do seu ardente desejo, para que seja um só rebanho e um só pastor, que é a nossa máxima aspiração.

OBSERVAÇÃO: *Texto copiado integralmente, conforme escrito pelo autor. A palestra coincide com os anos da realização do Concílio Vaticano II (1962-1965). Como se pode observar, o conteúdo capta a história das muitas iniciativas por partes dos ucranianos, que por fim tiveram que se resignar em salvar ao menos em parte a própria União com a Santa Sé de Roma. Discurso encontrado nos arquivos da Província São José dos Padres Basilianos no Brasil e digitado pelo Secretário Provincial Pe. Elias Marinhuk, OSBM.*